

a concluir, vem a propósito tecer algumas considerações sobre a possível acusação de relativismo moral. Hunyadi acha que não, porque «a razão *última* – mas não definitiva! – que [os sujeitos morais] podem invocar no caso de uma avaliação moral – depois de esgotadas todas as demais – é uma razão que tem a ver com a identidade moral.» (p. 211). Uma resposta que carece de ser vista, mais amplamente, no contexto da obra aqui apresentada.

LUÍS SALGADO

SOCIEDADE / CULTURA

FFORDE, Matthew, **La désocialisation. Crise de la postmodernité**, coll. «La nuit surveillée», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 430 p., 215 x 135, ISBN 978-2-204-09616-4.

Livro de relativamente grande fôlego, esta obra – aqui na tradução francesa do original inglês – analisa a crise social atualmente em curso na Grã Bretanha, terra natal do autor, tendo embora em conta que esta é também uma crise de outros países, sendo a do seu apenas pioneira em muitos aspetos. Muitos são os fenómenos reveladores de uma sociedade em crise, ou daquilo que ele designa em título como «dessocialização» enquanto perda dos laços sociais. M. Fforde elenca, entre outros: o declínio da família, o sofrimento da juventude, a baixa participação eleitoral, a confusão no domínio da sexualidade, o nível elevado de criminalidade e de violência, a pouca confiança entre os cidadãos, a enchente das prisões, o número crescente de pessoas que vivem sós, etc.

Na sua análise ressalta a denúncia da «matriz materialista» na raiz desta dessozialização, que ele liga à descristianização do mundo ocidental e à inerente secularização. Em contraponto, considera que só uma conversão cultural do materialismo ao espiritualismo e, no fundo, de novo ao cristianismo, será capaz de devolver a esta sociedade aquele bergsonianismo «suplemento de alma» que lhe falta e que está na raiz dos seus males. Uma razão de fundo para uma efetiva «nova evangelização». O livro tem em vista também servir como convite aos grandes autores e adeptos das correntes de pensamento contemporâneas no sentido de refletirem sobre a validade dos seus contributos, à luz dos frutos negativos por eles produzidos. Não sem que reconheça que, na sociedade e na cultura deste tempo, há também aspetos positivos.

Ao longo de dez capítulos, M. Fforde apresenta os factos tangíveis e «os imponderáveis», menos concretos mas com os seus visíveis afloramentos; o espiritualismo cristão e suas marcas, como critérios de avaliação da cultura presente materialista; as falsas antropologias da pós-modernidade: humanismo, racionalismo, «direitos-do-hominismo», societarismo, economicismo, «poderismo», animalismo, sexualismo, fisiologismo, sensismo, psiquismo; as suas consequências «fatais»: ataque à vida segundo o Espírito e correspondente encorajamento de alguns pecados capitais (orgulho, avareza, inveja, luxúria e guloseima, cólera); relativismo como autêntica filosofia do vazio, com as consequências da liberdade irresponsável, da desculturização, do ataque contra todo o projeto comum e sagrado, enfim a corrosão da alma e da comunidade; a crescente descristianização, de que distingue duas fases (1800-1914 e 1914-2008); os «pequenos pontos» da sociedade de massas: a concentração da população nas cidades,

a educação massificada e a uniformização da linguagem, o gigantismo económico, o divertimento e sua animação pelos *mass media*, o estatismo e a centralização com o poder sob o signo de Leviatã, o mundo político, as classes e a família, o horizonte internacional, as maneiras sociais (como os modos de saudar, de respeitar ou não o próprio lugar nas filas, etc.), enfim o desenvolvimento da uniformidade e do anonimato; a crise da família e da identidade dos sexos; o carácter autorreprodutor do sistema em presença, em que «os remédios são piores que os males», com relevo para a ansiedade, os paliativos do sofrimento, o prazer oferecido, a evasão, o narcisismo, a agressividade, o ensimesmamento, etc.

O último capítulo passa em revista uma série de grandes teorizadores, que prepararam e são responsáveis pela situação presente, quer no Ocidente quer na Grã Bretanha, bem como de analistas que a foram prevendo: Max Sirner, Tocqueville, K. Marx, Comte, Alvin Toffler, Fukuyama, etc. Em modo de conclusão, Fforder propõe como remédio para inverter esta situação o «regresso à alma», essa grande ausente na sociedade britânica e no Ocidente em geral; e, com ela, o regresso a um espiritualismo autêntico, de onde resulte que os indivíduos sejam pessoas e a sociedade seja comunidade.

JORGE COUTINHO